

ELEMENTOS PARA O ESTUDO DA ARQUITECTURA DAS DUAS PRIMEIRAS CAPELAS DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO PORTO*

Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves**

ABSTRACT: The Venerável Ordem Terceira de São Francisco of Oporto, established during the second quarter of the XVII th. century, will have several worship spaces until today. The first one was a chapel in the Saint Francis convent cloister – known as the Saint Elisabeth’s chapel – built by the architect Valentim Carvalho, since 1638/1639.

The increasing importance of the brotherhood compelled to a new edification, started in 1675/1676 and finished during the nineties, considered the very first Chapel of the Venerável Ordem Terceira de São Francisco. This building was a remarkable piece of religious architecture of Oporto, connected with famous names such of the father Baltazar Guedes (or Domingos Lopes), Gregório Fernandes e Manuel do Couto.

347

A capela de Santa Isabel no claustro do Convento de São Francisco

A Venerável Ordem Terceira de São Francisco, fundada no Porto no segundo quartel do século XVII, vai ter ao longo da sua história diversos espaços culturais. Na *Memória Histórica*¹, publicada em 1880, o autor informa-nos que os terceiros tiveram «principio no anno de 1633, n’uma cappella dos claustros do convento de S. Francisco» onde edificaram

* Este trabalho insere-se num projecto de investigação que tem como objectivo a elaboração de um estudo artístico do conjunto monumental de que é detentora a Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. Fazem parte desse projecto, além do autor deste trabalho, os seguintes docentes do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Prof.^a Doutora Natália Marinho Ferreira-Alves; Prof. Doutor Fausto Sanches Martins e Prof.^a Doutora Lúcia Rosas.

** *Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras. Universidade do Porto.*

¹ MATTOS, R. Pinto de – *Memoria Historica e Descriptiva da Ordem Terceira de S. Francisco no Porto com as vidas dos Santos cujas imagens costumam ser conduzidas na sua Procissão de Cinza.* Porto: Typographia Occidenal, 1880, p.11. O criador da Ordem Terceira de São Francisco foi o papa Nicolau IV (c.1230-1292 / 1288-1292). Cf. GERHARDS, Agnès – *Dictionnaire Historique des Ordres Religieux.* Paris : Fayard, 1998, p.582.

«capella propria sua em 1657, como consta d'um documento da Ordem»². Fora do convento, segundo Pinto de Matos, teriam levantado, em 1646, uma capela independente, no local onde mais tarde se ergueria a sua primeira grande capela e onde se encontra a actual igreja.

Os documentos consultados³ por nós, até ao momento, permitem ver que os terceiros, de 1633 a 1639, não tiveram um espaço fixo no Convento de São Francisco. Em 1635 noticia-se estarem na capela de Jesus «que esta na clausta»⁴, e em 1639 aparecem referências a dois locais onde fizeram reuniões: a capela de Santo António do claustro (10 de Outubro)⁵, e a capela de Santo António da portaria (18 de Outubro)⁶. Utilizando espaços existentes, os terceiros limitam-se a adquirir, a partir de 1633, algumas peças para o culto e outros objectos que eram necessários: um altar⁷; uma imagem de Cristo⁸; um armário⁹ para recolher a cera; um frontal de «berquatil», feito pelo irmão António Fernandes; e um São Francisco¹⁰, «encarnado» pelo pintor Manuel Lopes. Existia também uma imagem de Santa Isabel da Hungria, com uma coroa de prata¹¹, referida no inventário de 1635, mas que não aparece nas despesas feitas entre 1633 e o referido ano. A ligação de Santa Isabel da Hungria à Ordem Terceira de São Francisco¹² levou os terceiros portugueses a possuírem a sua imagem.

348

Ocupando vários espaços, como dissemos, no convento dos franciscanos, os irmãos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco iniciaram, em 1638¹³, o processo para terem uma capela própria que virá a ser a que

² Idem, *ibidem*, p. 11.

³ Arquivo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco (A.V.O.T.S.F.).

⁴ A.V.O.T.S.F., R/D 57, fl.73.

⁵ A.V.O.T.S.F., R/D 57, fl. 9.

⁶ Idem, *ibidem*, fl. 20.

⁷ Idem, *ibidem*, fl. 70.

⁸ Despesas de Outubro de 1633 a Junho de 1634: «Do feito do Christo dei ao enxambrador quatro mil reis [...] / Dei para humas tarraxas para segurar o Christo no andor quatro vintens». *Idem, ibidem*, fl. 70.

⁹ «Deusse a Manoel Fernandes Lamprea nosso irmaõ dozentos e noventa reis para o almario para recolher a sera». *Idem, ibidem*, fl. 71v.

¹⁰ Despesas de 1634 -1635: «Deusse de feito do sancto S. Francisco tres mil reis». *Idem, ibidem*, fl. 72.

¹¹ Idem, *ibidem*, fl. 73v.

¹² RÉAU, Louis – Iconografia del arte cristiano. Iconografia de los santos, tomo 2/volume 4. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2001, p. 122-126; BERTHOD, Bernard e HARDOUIN-FUGIER, Élisabeth – Dictionnaire iconographique des Saints. Paris : Les éditions de l'Amateur, 1999, p. 134.

¹³ Despesas de 1638 a 1639: «De cal para as obras mil e trezentos reis / De duas traves e carroto delas oitocentos reis / Do contrato que fiseamos com o convento para se fazer a capella quatrocentos reis / A dous pedreiros que trabalharaõ no desentulho da capella quinhentos e quarenta reis [...] / De jornais dos oficeaes que trabalharaõ na capella quinhentos e sesenta reis / Mais de jornais em outra somana mil e novecentos reis». A.V.O.T.S.F., R/D 57, fl. 77v.-78. O termo de contas de 10 de Outubro de 1639 refere: «e outros gastos que se fizeraõ no conserto da capela». *Idem, ibidem*, fl. 9.

aparece designada em 1644 por «nossa» capela de Santa Isabel. Ainda que as primeiras obras – para as quais contribuíram diversos irmãos¹⁴ com esmolas – tivessem tido início logo em 1638, será no ano seguinte¹⁵ que começam os trabalhos mais importantes. Nessa altura, são referidos a trabalhar na capela, entre outros: Domingos Fernandes, carpinteiro; Francisco João, pedreiro; Manuel Rodrigues e Manuel Lopes, ambos pintores; e principalmente Valentim Carvalho, que pela avultada quantia que recebeu (sessenta mil réis) seria o principal responsável da obra. Este Valentim Carvalho, «Arquitecto de obra de pedraria», e um dos mais importantes construtores portuenses da primeira metade do século XVII, associou o seu nome a diversas obras no Porto, como, a título de exemplo: à construção da nova capela-mor da Sé do Porto; à colaboração com seu sogro, o pedreiro António Nogueira, na construção da capela de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula¹⁶ (1612) do Convento de São Francisco; a várias obras relacionadas com a Santa Casa da Misericórdia e com a Câmara¹⁷; à Relação (1615); à nova capela-mor (1627) da igreja do Mosteiro de São Bento da Ave Maria¹⁸; ao cais da Ribeira (1631) e ao Convento de São João-o-Novo (1638).

¹⁴ Entre os quais o padre Baltazar Guedes: «Recebeo mais o irmão sindaco de esmollas que ajuntou o irmão Baltazar Guedes [...] para as obras da capella». A.V.O.T.S.F., R/D 57 fl. 25v.

¹⁵ Despesas de 1639-1640: «do tapamento dos arcos de ripas, e carpinteiro, e ripas hum cruzado / novecentos, e vinte de quarenta alqueires de cal / mais de cal mil, e trezentos e setenta / mais setenta reis de hum trabalhador / aos serradores de serrarem dous taboas sete vintens / mais aos carpinteiros que trabalharão no solhado, novecentos, e oitenta reis / mais a André Alvares mil, e seiscentos / mais a Domingos Fernandes carpinteiro, mil e quatrocentos reis / a Francisco João pedreiro mil, e seiscentos reis / a Salvador Domingues trabalhador oitocentos / de humas taboas que compraraõ para a porta da saõcristhia trezentos reis / [...] de huma fechadura para a porta hum cruzado / dos arcos e dos tres mezes a Valentim Carvalho seçenta mil reis / [...] os pintores Manoel Rodrigues e Manoel Lopes oito mil reis / a Rodrigo Robim do taboado quatro mil e quatrocentos». A.V.O.T.S.F., R/D 57, fl. 79v.-80. Despesa de 1641-1642: Deusse a hum ingres de taboado que se lhe comprou para a capella quatro mil reis em 6 de Março / [...] Deusse aos offiçiais que fizeraõ as grades da capella sinco mil e quinhentos reis por quatro vezes a ultima em 14 de Agosto / Deusse ao ferreiro da ferragem das grades dous mil reis em 3 de Setembro / [...] mais se deraõ aos carpinteiros que fizeraõ as grades novecentos reis em 10 de Janeiro / [...] Deusse a Antonio de Souza ferreiro que fez a ferragem das grades quatro mil e cetecentos reis / custou huma pia de agoa benta, e chumbo para os ferros das grades novecentos reis / [...] custaraõ huns castissais de pao prateado dous mil e quinhentos reis, Idem, ibidem, fl. 83v.-84v.

¹⁶ Hoje capela de Nossa Senhora da Soledade.

¹⁷ MAGALHÃES BASTO, Artur de – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964, p.103-117.

¹⁸ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Duas nótulas para a História da Arte, in *Portugalia*, nova série, vol. XVII-XVIII. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996/1997, p. 293-294.



Fig. 1 - Capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco em 1736



Fig. 2 - Capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco em 1789



Fig. 3 - Capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco em 1791

IMAGENS E PINTURAS REFERIDAS NOS INVENTÁRIOS DE 1639¹⁹ E DE 1642²⁰

- uma imagem de Cristo Crucificado
- uma imagem de Santa Isabel, Rainha da Hungria, com coroa de prata
- um «corpo, pees, e mãos, e cabeça de Nosso Padre»²¹
- um quadro das almas do purgatório
- dois anjos, de barro, que servem de castiçais
- um quadro pequeno «que he Nosso Padre tirando as almas» (1642)
- um quadro «que he hua caleixa (sic) pintada» (1642)

Ao longo dos anos encontramos diversas referências sobre obras²² que contribuíram para que a capela de Santa Isabel se tornasse num importante exemplar da arquitectura seiscentista portuense: em 1644, forraram a capela²³ e solharam-na de madeira de pinho²⁴, e os «rompantes e entabamento», executou-os o ensamblador Manuel Garcia²⁵. Terminadas as obras essenciais, os irmãos mandaram, em 1645, fazer um retábulo ao ensamblador Francisco Dinis²⁶, pintado²⁷ e dourado, respectivamente, por Manuel da Silva e Francisco da Silva²⁸. Em 1653, o seu interior foi azulejado²⁹ e, dois anos depois, o pintor Manuel Nunes (ou Manuel Nunes Melendes)³⁰, executou as pinturas, «quadros», no tecto da capela.

¹⁹ A.V.O.T.S.F., R/D, fl. 78-79.

²⁰ Idem, *ibidem*, fl. 80v.-81. Refere também: «seis castiçais de barro com seus pivetes de pau». Em 1642 acrescentaram ao seu espólio as seguintes peças: quatro castiçais de pau preto; um resplendor [...] para o Cristo; uma caveira pintada em pano «que serve no pé do calvario da cruz do Christo». Idem, *ibidem*, fl. 81v.

²¹ «huma boçeta em que estão mãos e cabeça de Nossso Padre». A.V.O.T.S.F., R/D 57, fl. 78v. Despesas de 1671: «Despendeo mais des mil reis para o resplendor de prata para o Nosso Padre que esta fazendo o irmão Manoel Branco». Idem, R/D 59, fl. 57.

²² Despesa de 1641: «A Manoel Rodrigues pintor de pintura que tinha feita, se lhe deu em 27 de Janeiro quatro mil reis 4.000 (na margem lê-se: «estes 4.000 reis he divida que se pagou este anno dos arcos da capella que passou o mestre da obra a Manoel Rodrigues: pintor». Idem, *ibidem*, fl.83v.

²³ «custaraõ seis traves para o forro da capella dous mil e seiscentos reis». A.V.O.T.S.F., R/D 57, fl. 87.

²⁴ Seis tábuas de pinho dadas por Ana Piper.

²⁵ A.V.O.T.S.F., R/D 57, fl. 87v.

²⁶ Custou 23.000 réis. Idem, *ibidem*, fl. 89.

²⁷ A.V.O.T.S.F., idem, *ibidem*, fl. 28. «tudo aplicado para a pintura de 4 meos corpos no retabollo». Despesa de 1649-1650: «Dispendeo mais o irmão sindico com a pintura dos coatro meos corpos do retabollo mil e novecentos e corenta reis que os meos corpos tambem forão feitos desmolla que deraõ o irmão [...] Manoel Pinto e Andre Vieira Veygaõ e Ignes solteira e o padre Baltazar Guedes». Idem, *ibidem*, fl. 96.

²⁸ A.V.O.T.S.F., R/D 57, fl.103, 104v.,105v. e 106v.

²⁹ Despesas de 1653-1654: «Azulejo / Mais se levarão em conta ao irmão sindico dezanove mil e setecentos e vinte e quatro reis de gasto do azulejo conforme deu por conta o irmão Antonio Ribeiro de Saa por cuja ordem veio 19.724 / Mais do frete que o mesmo sindico pagou ao mesmo irmão 4.500 / Mais dos seguros que o mesmo irmão dis pagar 1.972 / Mais do barco e carroto que pagou 120 /

Com as obras referidas podemos reconstituir, ainda que com alguma reserva, como era a capela de Santa Isabel. Uma estrutura quadrangular, revestida de azulejo, com um tecto em caixotões pintados e um retábulo que, pela época, era de estrutura maneirista. Todo este espaço foi enriquecido com uma imagem de Santa Isabel Rainha de Portugal³¹ – que Urbano VIII (1568-1644/1623-1644) declarou por uma bula ter pertencido à Ordem Terceira de São Francisco³² – feita, em 1644, pelo imaginário Francisco Vieira³³, e pintada, em 1646, pelo irmão António André³⁴, e principalmente com pinturas: a de São Francisco «pregando»³⁵, de 1651, pintada por António André; e a da «Arvore»³⁶, a do «nosso padre dando a regra a S. Luçio e Santa Bona», e a do «nosso padre offerecendo as tres moedas a Christo que senefiquão as tres ordens», todas as três da autoria do pintor Manuel da Costa, e referidas nas despesas de 1651³⁷.

Manuel Pereira de Novais³⁸ ao pronunciar-se, em finais do século XVII, sobre a capela que os terceiros tinham no claustro do Convento de São Francisco – claustro que mais tarde³⁹ mandariam «azulejar [...] em coadros; em altura desde o pavimento athe ao primeiro frizo dos coadros dos Passos⁴⁰ – diz ser «esmerada» e que continha «Vistozas y maravillosas Pinturas»⁴¹.

Assento dos azulejos / Mais se lançaõ em conta ao mesmo irmaõ sindaco que pagou de oito braças e seis palmos a mestre Andre Martins cinco mil e duzentos e quarenta reis 5.240 / mais de sessenta azulejos que se compraraõ em Villa Nova mil e duzentos 1.200 / Mais de saibro e cal para o mesmo assento do azulejo duzentos e quarenta reis 240». A.V.O.T.S.F., R/D 57, fl.103.

Despesas de 1674 -1675: «Despendeo mais a conta do azolejo que se deo ao offiçal que o fes cinco mil e seisentos e quarenta reis». Idem, R/C 59, fl. 66v (ver também fl. 67v.).

³⁰ Despesas de 1665-1666: A.V.O.T.S.F., R/D 57, fl. 114v.-115, fl. 120v.

³¹ «Les deux saintes Élisabeth, sainte Élisabeth de Thuringe et sainte Élisabeth de Portugal, toutes les deux du Tiers Ordre de saint François, se confondent quelquefois, car leur vie, leur tendresse pour les pauvres, leur dévouement aux malades, leurs miracles sont presque identiques. Toutefois, sainte Élisabeth de Portugal, canonisé par Urbain VIII, en 1625, avec une solennité toute particulière, en présence des innombrables pèlerins venus à Rome pour les fêtes du jubilé, fit un peu oublier, au XVII^e siècle, sainte Élisabeth de Thuringe». MÂLE, Émile – *L'art religieux de la fin du XVI^e siècle du XVII^e siècle et du XVIII^e siècle. Étude sur l'iconographie après le Concile de Trente. Italie-France-Espagne-Flandres*. Paris : Armand Colin, 1951, p. 490.

³² MÂLE, Émile – ob. cit., p. 490, nota 2.

³³ A.V.O.T.S.F., R/D 57, fl. 87. A imagem custou 6.000 réis.

³⁴ Idem, *ibidem*, fl. 89v. Em 8 de Julho de 1646 fizeram a festa da Rainha Santa (fl. 91).

³⁵ A.V.O.T.S.F., R/D 57, fl. 99.

³⁶ Idem, *ibidem*, fl. 99. Custou 5.000 réis.

³⁷ Os dois últimos quadros custaram 11.960 réis.

Despesas de 1667-1678: «Dispendeo o irmaõ sindiquo sete mil reis que se mandaraõ dar ao irmaõ Francisco de Axanio (sic), pintor pela obra que fez na nossa capela no retabolo de Santo Christo e Esse Homo que dourou e alimpou os paineis, em 22 de Maio de 1667». A.V.O.T.S.F., R/C 59, fl. 42.

³⁸ Anacrisis Historial, IV- vol. I. Porto: Bibliotheca Pública Municipal do Porto, 1912, p.64.

³⁹ Termo de 20 de Maio de 1730. A.V.O.T.S.F., Mesa 905, fl. 82-82v.

⁴⁰ Despesa de Maio de 1658: «Mais se dispendeo com os Santos Passos que se fizeraõ no claustro deste convento na pedraria e pintura, e ferraje, madeiras e tudo o mais necessario pera elles sesenta e tres mil sento e vinte reis 63.120». A.V.O.T.S.F., R/D 59, fl 7v., fl. 12.

Esta capela, depois da construção da nova, fora do claustro, começa a ser designada por capela velha, como aparece na lista das despesas de 1684-1685⁴², quando os terceiros mandaram consertar as «lajes e parede da cappella velha».

A primeira grande capela

Embora a capela de Santa Isabel fosse uma estrutura «adornada com mucho asseo y Perfeccion»⁴³, a falta de espaço e o «grande numero» de irmãos, obrigá-los-ia a edificar uma outra. Na sequência das informações dadas por Manuel Pereira de Novais, como a capela de Santa Isabel «quedava limitada y Corta para el Concurso de las muchas funciones que tiene esta tercera y sagrad Orden, y ser los hermanos della en grande numero»⁴⁴, os terceiros mandaram edificar uma nova «màs comoda y de mayor expediente»⁴⁵. Concedido pelo Convento de São Francisco um terreno do lado poente junto «a la Portaria de la Parte de fuera de la Clausura, en que se solian Enterrar algunos Difuntos Pobres» puderam os terceiros edificar uma «nueva Iglesia y Capilla», cuja primeira pedra foi lançada, com a presença do bispo D. Fernando Correia de Lacerda (1628-1685 / 1673-1683), em 17 de Maio de 1675⁴⁶.

A construção da primeira grande capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, aparece referida num contrato de fiança e obrigação de obra de pedraria⁴⁷, feito em 27 de Abril de 1676, na casa do capitão Rafael de Matos Godinho, na rua de São Francisco. Aí, perante o tabelião com-

⁴¹ «el ambito del se vê Modernamente la Capilla de los Hermanos terceros de Dicha orden de San Francisco, esmerada com la Devocion de los Confrades terceros, con Vistozas y maravillosas Pinturas, muy Primorosas, donde quedan Vencidas todas las Romanas de Michael Angel y las del Turriano y, lo que màs es, que todas Imitan en los arrojos del Ayre a las Ideas del Rize».

⁴² A.V.O.T.S.F., R/D 59, fl. 93V.

⁴³ NOVAIS, Manuel Pereira de – *ob. cit.*, p. 65.

⁴⁴ Idem, *ibidem*, p. 65.

⁴⁵ «Y assi en cierta junta del Cabildo que hisieron, por los años de 1675, Suplicaron al P. Guardiano de Dicho Monasterio de San Francisco y a sus religiosos les concediesse alguna parte Conjunta con dicho Monasterio, en que se fundasse Una Iglesia y Capilla proporcionada y Cabal al Concurso de los hermanos, para que en las festas de Dicho Orden, a que està Vinculada Dicha Hermandad, se celebrasen sin estorbar lo Religioso del Convento y sin la Inquietud que suscedia en el Claustro». Idem, *ibidem*, p. 65.

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 65.

⁴⁷ Arquivo Distrital do Porto (A. D. P.), Secção Notarial, Po-4, nº 68, fl. 32v.-33v. Contrato já referido por: MAGALHÃES BASTO, A. de – *ob. cit.* p.376; FERREIRA-ALVES, Joaquim J.B. – Aspectos da actividade arquitectónica no Porto na segunda metade do século XVII. Porto: 1985 (Separata da *Revista da Faculdade de Letras – História*, II série, vol. II), p.14-15.

pareceram Marcos Gonçalves⁴⁸, mestre pedreiro, e António Carneiro⁴⁹, mercador, na qualidade de fiador. Marcos Gonçalves teria que executar «a obra da capella nova»⁵⁰, que arrematara por sete mil cruzados menos setenta e cinco mil réis⁵¹, «na forma que mostra a traça da architectura della e apon-tamentos»⁵². O mestre pedreiro teria que concluí-la ao fim de um ano e meio, contado a partir do dia do contrato, o que seria em 27 de Outubro de 1677. Foram testemunhas do documento notarial Domingos Lopes⁵³, «mestre de architectura», e João de Chaves, carpinteiro.⁵⁴

Este contrato refere dois nomes que merecem a nossa atenção. O primeiro, é o do mestre que arrematou a obra. Marcos Gonçalves⁵⁵ foi um notável mestre pedreiro de arquitectura que merecia, como muitos outros seus contemporâneos, um estudo biográfico/artístico. Conhecemos alguns aspectos da sua actividade, dos quais referimos dois: foi o responsável pelo acrescento de um dormitório do Convento da Madre de Deus de Monchique (contrato de 11 de Junho de 1681)⁵⁶; e arrematou a construção da igreja de São Miguel em Castelo Branco (hoje Sé da mesma cidade), como o prova um contrato de fiança de 10 de Dezembro de 1681⁵⁷. A segunda figura a realçar é a de Domingos Lopes (1646-1716)⁵⁸, designado

⁴⁸ Residente na freguesia de Santo Ildefonso.

Despesas de 1676: «Despendeo mais o dito sindico sento e corenta e sinco mil reis que deu ao mestre Marcos Gonçalves». A.V.O.T.S.F., R/D 59, fl. 74v. (sobre o mesmo assunto ver fl. 75, fl. 77, fl.79, fl.82, fl. 84, fl. 85). Neste ano fazem-se grandes despesas com a compra de cal que vinha de Ovar. Idem, ibidem, fl. 74, 74v., fl.77.

⁴⁹ Residente junto da rua da Ponte Nova.

⁵⁰ «que ora querem mandar fazer o reverendo ministro e mais irmãos da sagrada ordem terseira».

⁵¹ A Ordem faria pagamentos de 100.000 réis por mês, «os quais correão por mão do dito Raphael de Matos Godinho».

⁵² «e sómente sera a ordem obrigada a dar a cal ferro chumbo e telha e madeira para o teto da capella e sacristia e Casa do Despacho por sua conta della; e todas as madeiras que mais forem necessarias para a dita obra excepto pranchas escadas simplex».

⁵³ Residente na rua da Ponte Nova.

⁵⁴ Residente na freguesia de Gulphihares.

⁵⁵ FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – Aspectos da actividade..., p. 11 e p. 23.

⁵⁶ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Elementos para a história das sociedades entre mestres pedreiros (Séculos XVII e XVIII), in *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. IX. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1992, p. 339.

⁵⁷ MAGALHÃES BASTO, Artur – *ob. cit.*, p.376-377; FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – Aspectos da actividade ..., p. 11.

⁵⁸ MAGALHÃES BASTO, A. de – *ob. cit.*, p. 397; PINHO BRANDÃO, Domingos de (D.) – *Obra de talha dourada, ensablagement e pintura na cidade e na Diocese do Porto*. Documentação I Séculos XV a XVII, vol. I. Porto: 1984 ; FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – *A arte da talha no Porto na época barroca (Artistas e clientela. Materiais e técnica)*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1989, 2 vol.; LEÃO, Manuel – Domingos Lopes, artista e empresário, in *Museu*, IV série, nº 5. Porto: Publicação do Círculo Dr. José Figueiredo, 1996, p. 73-107

no contrato por «mestre de architectura», e que muito provavelmente, como já referimos em 1985, poderia ter sido o autor (ou colaborador) do risco da primeira grande capela que a Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto mandou levantar a partir de 1675/1676, ainda que na Historia Seráfica a autoria do projecto seja dada ao padre Baltazar Guedes. Se a questão da autoria do projecto da capela dos terceiros deverá, se possível, ser esclarecida documentalmente, como aconteceu com a Fonte da Arca⁵⁹, no Porto, a actividade de Domingos Lopes na arte da madeira (entalhador, escultor) e na arte da pedra (mestre de arquitectura) faz dele, ao lado de nomes como o padre Pantaleão da Rocha de Magalhães (? – 1703)⁶⁰, o padre Baltazar Guedes (1620-1693)⁶¹, o mestre pedreiro-arquitecto Gregório Fernandes (1646-1680)⁶², o «mestre architecto de pedraria» Manuel do Couto⁶³, entre outros, uma figura incontornável do panorama

ALGUMAS DESPESAS RELACIONADAS COM A EDIFICAÇÃO DA NOVA CAPELA⁶⁴

1676-1677: Pagaram a Marcos Gonçalves 10.000 réis por «aver abrido o primeiro liserse visto se mudar a capella mais para dentro (fl. 75) / Pagaram 40.000 réis a Manuel Rodrigues pelo paredão «que fes na portaria do convento» (fl. 75);
 1677-1678: Pagaram 15.000 réis do «carneiro da capella mor» (fl.77);
 1678-1679: Pagaram 7.150 réis das grades da capela-mor (fl.77v.);
 1679-1680: Pagaram 32.785 réis da obra da igreja nova «e jornais e pregadura e alguas madeiras e [...] e taburnos⁶⁵» (fl. 79) / Pagaram 4.550 réis «de jornais do asento do azulejo da capella ate as frestas» (fl. 79v.) / Pagaram 2.200 réis da missa solene rezada na «nossa capella nova» (fl.80) / Pagaram 26.100 réis do azulejo para a capela-mor e das três traves para o coro (fl.81) / Pagaram 104.000 réis aos carpinteiros «a conta da obra para cobrirem a nosa capela» (fl. 81v.);
 1680-1681: Pagaram 17.075 réis «em jornais de carpinteiros e serradores na obra do coro e mesa dos irmãos» (fl. 83.) / Pagaram 76.000 réis aos carpinteiros que fizeram a armação da igreja (fl. 84) / Pagaram 18.000 réis ao mestre Marcos Gonçalves de «fazer o cano e as guargulas de fora da sua obriguação», e mais 4.500 réis de «acabar de lagear o cruzeiro da igreja (fl.84);

⁵⁹ FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – *ob. cit.*, p. 6-8.

⁶⁰ FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – Algumas obras seiscentistas no convento de Corpus Christi, in *Gayá*, vol. II. Vila Nova de Gaia: 1984, p. 251-252.

⁶¹ MAGALHÃES BASTO, Artur de – *ob. cit.*, p. 378-381. FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – Aspectos da actividade..., p. 17-23.

⁶² *Idem*, *ibidem*, p. 253; FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – Aspectos da actividade..., p. 7-8, p. 15, p. 21-22.

⁶³ FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – Aspectos da actividade..., p. 7-8.

⁶⁴ A.V.O.T.S.F., R/D 59.

⁶⁵ «Em que entraõ seis carros de telha».

1681-1682: Pagaram 5.470 réis «das portas, que se fizeraõ novas, para a igreja (fl.85v);

1682-1683: Pagaram 6.500 réis pela pintura das portas da igreja (fl.87) / Pagaram 56.600 réis ao serralheiro José de Sousa⁶⁶ (fl. 88);

1683-1684: Pagaram 1.070 réis para barrotes e tijolo da tribuna da capela-mor (fl. 89v.) / Pagaram 92.400 réis para 6.600 azulejos (fl. 91v.);

1684-1685: Pagaram 35.500 réis aos pedreiros que andaram a lajear a capela-mor (fl. 93v.);

1689- 1690: Pagaram 2.380 réis pelo carroto da pedra para a imagem da Rainha Santa para a porta da igreja (fl. 110v.) / Pagaram 23.000 réis aos oficiais que assentaram o azulejo⁶⁷ no coro e na empena da igreja (fl. 110v.) / Pagaram 6.000 réis por olear e dourar a imagem de São Francisco «em o nicho de pedra» e fazer de ouro as estrelas do frontispício (fl.111) / Pagaram 20.000 réis ao oleiro José de Almeida por conta do azulejo (fl. 111v.) / Pagaram 6.000 réis ao irmão Manuel de Almeida por conta de duas imagens, São Francisco e Rainha Santa (fl. 111v.) / Pagaram 3.150 réis ao irmão Taveira de Patraõ (sic) da pintura do azulejo, estrelas e vidraça «que fingio» (fl. 111v.) / Pagaram 20.000 réis ao oleiro do resto que lhe deviam do azulejo que fez para o coro e para o arco da igreja (fl. 112) / Pagaram 2.800 réis a Manuel de Almeida «á conta da Santa de pedra e Santo que fez» (fl. 112) / Pagaram 7.200 réis a Manuel de Almeida das imagens e mais 240 réis «que se deraõ aos maríolas de trazer a Santa de pedra» (fl. 113) / Pagaram 12.460 réis ao pedreiro por conta dos dois arcos dos altares colaterais; pagaram 1.560 réis por cal, saibro, azulejos e jornal de Manuel da Costa (fl. 114v., fl. 115) para os dois arcos (fl. 115) / Pagaram 3.000 réis a Manuel da Costa de assentar o azulejo da porta e presbitério, para o seu ajudante e para alguns azulejos que foram comprados de novo (fl. 116) / Pagaram 1.340 réis de tinta azul, merenda para os pintores e a João da Silva de pintar a linha, porta nova e caixões (fl. 117v.);

1690-1691: Pagaram 50.000 réis «que mandou dar em Lisboa pera o lavatorio» (fl. 120), pagaram 17.600 réis a André Fernandes pelos «gastos do lavatorio» (fl. 121v.), pagaram 6.000 réis pelo frete do lavatório que veio de Lisboa (fl. 124).

artístico portuense entre a segunda metade do século XVII e os alvares de Setecentos.

A actividade de Marcos Gonçalves relacionada com a Ordem Terceira de São Francisco, aparece referida num segundo contrato notarial de 8 de Fevereiro de 1680⁶⁸. Nesse dia, na Casa do Despacho, com a presença do

⁶⁶ Ver também fl. 90.

⁶⁷ «Em 75 alqueires de cal, saibro, carros do azulejo, jornais do emboço da parede, chumbar ferros e outros gastos miudos sette mil e duzentos e vinte» (fl. 110v.) / «Ao ajudante ou servente dos mestres que assentaram o azulejo jornais de 37 dias dous mil e novecentos e oitenta» (fl. 111).

⁶⁸ A. D. P., Secção Notarial, Po-4, nº 74, fl. 61-62. Documento referido por: FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – Aspectos da actividade..., p. 15-16.

pároco da freguesia da Sé, António do Couto, então ministro da «sagrada ordem de penitencia», membros da mesa e do comissário visitador, Fr. Luís de São Francisco, compareceu o mestre pedreiro que arrematara, em 1676, a obra da «capella nova pela traça que então se fez», para fazer um novo contrato, já que, ao se terem acrescentado de novo algumas coisas e «se diminuirem outras», era necessário saber o que «a elle se lhe havia de dar pelo que de novo acreseco e diminuir lhe o que elle mestre fez de menos». Para avaliar o que se tinha feito de mais ou de menos foram escolhidos dois mestres pedreiros. Por parte dos terceiros, Gregório Fernandes⁶⁹, e por parte de Marcos Gonçalves, Manuel do Couto⁷⁰, ambos considerados «pessoas que entendem de semelhantes obras»⁷¹. Neste mesmo contrato Marcos Gonçalves⁷² foi incumbido de fazer os acrescentamentos e um



Fac-símile das assinaturas do contrato de 8 de Fevereiro de 1680

⁶⁹ Residente em Vila Nova de Gaia.

⁷⁰ Residente fora da Porta de Carros.

⁷¹ «e sendo por elles visto e considerado o dito acrescentamento e diminuição determinarão que pelo que de novo acreseco na dita obra se deviaõ dar a elle mestre Marcos Gonçalves quinhentos e oitenta e tres mil e quinhentos reis, e que delles se havião de abater cento e sincoenta e dous mil reis que saõ os em que avaliaraõ a diminuição da dita obra que elle dito mestre estava obrigado a fazer, e abatidos elles dos ditos quinhentos e oitenta e tres mil e quinhentos reis ficavaõ líquidos quatro centos e trinta e hum mil e quinhentos reis».

⁷² Marcos Gonçalves recebeu por toda o trabalho que fez três contos e duzentos e dezasseis mil réis como se pode ler no documento de quitação de 13 de Agosto de 1681. A.D.P., Secção Notarial, Po-4, nº 74, fl. 55-55v.

remate sobre o arco da capela-mor – «na forma da traça nova»⁷³ – segundo os apontamentos e riscos da autoria dos «ditos louvados»: Gregório Fernandes e Manuel do Couto. A obra deveria estar concluída em Agosto de 1680. Com esta notícia, vemos que ao edifício executado, segundo pensamos, pelo risco de Domingos Lopes (ou do padre Baltazar Guedes), Gregório Fernandes e Manuel do Couto, deram o seu contributo através de novas traças.

No mesmo mês (20 de Fevereiro de 1680)⁷⁴ do contrato anterior, fez-se novo documento notarial relacionado com a obra de carpintaria «do corpo da igreja da capella nova». Arremataram a obra os mestres carpinteiros Francisco António⁷⁵ e António de Castro⁷⁶, que a teriam de dar pronta em Setembro de 1680. Em 1685, é contratado⁷⁷ o mestre pedreiro Pascoal Fernandes para executar o «lageamento da capella»⁷⁸ e a construção das escadas⁷⁹ «em que se remata o adro da igreja»⁸⁰. Estas escadas «de pedra do

⁷³ «que elle vio e tem em seu poder por presso e quantia de sessenta mil reis».

⁷⁴ A.D.P., Secção Notarial, Po-4, nº 72, fl.72-72v. Doc. referido por: FEEREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – Aspectos da actividade..., p. 16. Apresentaram por fiadores Manuel Teixeira, ferreiro, e Manuel da Rocha, serralheiro. O primeiro viria a ser substituído (documento de 30 de Março de 1680) por João Alves, ferreiro, residente na rua da Ferraria de Baixo. A.D.P., idem, ididem, fl. 111v. Neste documento aparece como testemunha Manuel da Rocha, aprendiz do ourives de prata Bartolomeu do Couto.

⁷⁵ Residente na freguesia de Santo Ildefonso. Era casado com Maria da Fonseca.

⁷⁶ Residente «perto» do Postigo das Virtudes. Era casado com Catarina Pereira.

⁷⁷ Contrato de 5 de Novembro de 1685. A.D.P., Po-4, nº 79, fl. 40-41.

⁷⁸ «dara o lageamento da igreja feito athe dia de Natal primeiro que vier».

⁷⁹ «e a das escadas athe dia de Paschoa da Ressurreição». Despesas de 1685-1686: «Dispendeo mais sento e sesenta e sinco mil reis que se deraõ ao mestre pedreiro Pascoal Fernandes por lagear a igreja e fazer as escadas do patio». A.V.O.T.S.F., R/D, fl. 96.

⁸⁰ «Apontamentos para a obra do lageamento da nossa capella dos terseiros e escadas em que se remata o adro da dita igreja = Primeiramente farseaõ as sepulturas de tres pedras cada huma a do meyo de tres palmos e as da cabeceira e pee o mesmo com hum buraco no meio para a chaveta quando se abrir a dita sepultura, seraõ estas pedras esquadras e esgalgadas, e quadradas taõ grossas em sima como em baxo, sera a pedra de bom gram para que naõ esquadrasse naõ sera boroeira nem ruiva senaõ muito clara e escodada = Segundamente a obra da escada sera de muito boa pedra naõ boroeira, mas ainda que cousa que de ruiva naõ sendo ruiva que se desfaz. Sera esta pedra de sinco palmos de largo, quatro e tres e meo o ultimo, terá de alto o mesmo que tem as escadas do adro da igreja do mosteiro. Tera de patio cada degrao, o que temos do dito adro, metera o degrao para dentro de baxo do outro degrao hum palmo ao menos = Comessaraõ estes degraos na rua em direitura da parte de sima a topar nas casas do irmão Raphael de Matos, e aquilo que ficar fora do cunhal das ditas casas sera em degrao para baixo tambem contornegeando com os de cima = Hiraõ estes degraos todos sobindo athe topar em o do pavimento do lageamento do adro da nossa capella, e este ultimo degrao há de ter todo por sima quatro palmos para dentro quadrado com a junta feita para que se possa continuar com o lageamento quando quizerem e da parte do sol há de ficar huma paredesinha lageada por sima aonde vaõ morrer os ditos degraos, e acabaraõ nas cazas do dito irmão Raphael de Mattos, e hira esta parede muito bem calafetada para que naõ faça damno às ditas casas = Serão os degraos tomados com cal e saibro e a parede do mesmo modo e porlheaõ dois mourões por amor dos canos em o principio dos degraos, e no fim delles».

nosso patio» tiveram que ser refeitas, porque nas despesas de 1686-1687 lançou-se um pagamento de 42.000 réis ao mestre pedreiro João Moreira pelo trabalho «de as desfazer, e tornar a fazer»⁸¹.

Feitas as obras essenciais da primeira igreja, entre 1675/1676 e os anos noventa da mesma centúria (nas despesas de 1689-1690 fala-se no «solho» e na pintura do tecto da nova sacristia⁸², da autoria do irmão Taveira, com as suas «targes, e armas da Ordem», e nas de 1690-1691 na colocação de azulejo da sacristia⁸³ e pintura da ante-sacristia), outros documentos vão-nos revelando informações que permitem reconstituir a história da construção do edifício (o que pretendemos fazer em breve) e dos quais queremos referir algumas informações:

- em 1711, fez-se uma obra na capela-mor, que levou a retirarem e a venderem o lampadário⁸⁴ (termo de 25 de Junho de 1711⁸⁵) que estava na capela-mor antes da nova obra, já que a intervenção tinha sido «feita e deregida de sorte que no meio da capela nova se puzesse lampadário antes em dois anjos das bandas nas cornucópias onde se puzessem as luzes para alumiar o Senhor»;

- para realçar o «dourado da capella mor» (termo de 25 de Abril de 1713⁸⁶) mandaram dourar o arco cruzeiro, «frontespício delle», para o qual contrataram o mestre Manuel Pinto, que recebeu 100.000 réis «de maos e tintas e tudo o mais que foçe nesenario» excepto o ouro que foi encomendado ao batefolha António Carvalho;

⁸¹ A.V.O.T.S.F., R/D 59, fl. 97v, fl. 113v.

⁸² Idem, *ibidem*, fl.117.

⁸³ Idem, *ibidem*, fl. 124.

⁸⁴ Foi feito um novo lampadário em 1716: «Aos 21 de Junho de 1716 [...] a nossa capella mor necessitava muito de hum lanpadario de prata, poes se estava servindo a dita capella mor com os dois lanpadarios do Senhor Santto Anttonio; e que naõ pareçia asertado que tendo elle Senhor Ministro e maes irmaõs da Menza contrebuido com as suas esmollas se deixaçe de fazer obra taõ pia e de muito louvar para o Nosso Seraphico Padre Saõ Francisco [...] recomendando [...] esta diligencia ao irmaõ secretario Fruttuozo Salgado da Cruz [...] e com effeito nos apresentou, na capella mor da nossa igreja hum lanpadario para vermos o seu feittio [...] e vendo o dito lanpadario [...] seu feittio pezo e tamanho concordaraõ que por elle se fizeçe o nosso; mas que primeiro se mostraçe aquelle ao nosso irmaõ o capitam Manoel do Coutto e Azevedo por nesta arte ser o maes peritto; e com effeito foi chamado e vendo o dito lanpadario e eizaminandõ rezolveo que por o mesmo se podia fazer o que se pertendia por estar entudo (sic) ayustado com a arte e no feittio com novidade: a que respondeo o Senhor Ministro que no remate do dito lanpadario se lhe puzesse huma coroa emperial; [...] para realçe da obra e loguõ nos apresentou o nosso irmaõ secrettario huma planta feita pello dito nosso irmaõ Manoel do Coutto e Azevedo com o adittamento da croa emperial como tambem para a bassia de baixo ser mais espaçoza se lhe alarguaçe dois dedos em roda e hum dito na de sima na forma da mesma planta». A.V.O.T.S.F., Mesa 905, fl.54.

⁸⁵ A.V.O.T.S.F., Mesa 905, fl. 41-41v.,

⁸⁶ A.V.O.T.S.F., Mesa 905, fl. 44.

- em 13 de Julho de 1721⁸⁷, foi contratado o mestre carpinteiro Jerónimo Martins⁸⁸, para executar uma obra na sacristia e «ante caza do despacho».

A partir dos anos setenta de Setecentos, os documentos revelam-nos várias intervenções na capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco. Em 1771⁸⁹, sendo ministro o Dr. João Pereira de Carvalho, pretendiam os terceiros acrescentar a capela e sacristia, o que permitiria melhor decência nas «funssões do culto Divino». Para a obra precisavam que os franciscanos cedessem, da cerca, a área necessária para a sua concretização. Justificavam o pedido da forma seguinte: com as obras, que então se faziam da reedificação do convento – «no tempo presente andavão os dittos nossos Relligiozos redeficando o seu convento» – o terreno que pretendiam «lhe fica sendo inutil , e em que não tem prejuizo». Em 31 de Dezembro de 1775⁹⁰, foi proposto fazerem-se reformas nas sepulturas da capela principal e nas que existiam na capela de Santo António, assim como retirarem-se os quadros que se encontravam nos lados da capela por estarem «velhos e rotos» e «emcapazes». Retirados os quadro, mandaram que se «armasse de estuque branco por ser coiza de menos custo e ficar a dita nossa capella com mais claridade» mas «reflectindoçe» decidiram fazer só reboco. No ano seguinte (31 de Janeiro de 1776)⁹¹, fizeram-se intervenções significativas devido: à cornija, que corria em volta da capela e arco da capela-mor, estar muito «deformada» o que era «indeçente» ao culto; à talha que estava por cima dos altares colaterais de Nossa Senhora da Conceição e Santa Isabel se encontrar muito danificada e mal segura, tendo já caído alguns pedaços por causa da sua antiguidade, e ameaçar ruína; e às frestas da capela terem as vidraças partidas, ou escurecerem-na pelo «seu mau feittio. Pelos motivos apontados, resolveram mandar pintar de branco a referida cornija, «fingindoçe pedra branca», retirar a talha e no seu lugar cair com cal branca, e reparar as frestas colocando vidros brancos para dar mais claridade. A premência de obras fez-se sentir também em relação ao coro (28 de Agosto de 1776)⁹², que estando com o «solho todo roto» era preciso solhar novamente, o que obrigava a deslocar o órgão.

⁸⁷ A.D.P., Secção Notarial, po-2º, nº 220, fl.15v.-16v.

⁸⁸ Residente na rua Direita de Santo Ildefonso.

⁸⁹ Termo de 12 de Abril de 1771. A.V.O.T.S.F., Mesa 852, fl. 121-122.

⁹⁰ A.V.O.T.S.F., Mesa 852, fl. 136v.-137.

⁹¹ A.V.O.T.S.F., Mesa 852, fl. 137-137v.

⁹² A.V.O.T.S.F., Mesa 852, fl. 144v.

Em 25 de Novembro de 1778⁹³, em «Meza plena», foi novamente tratada a questão de 1771, ligada à necessidade de se ampliar o corpo da capela. Existindo na altura a «comodidade» de os franciscanos cederem o terreno suficiente para fazer-se a obra (dispensavam até 45 palmos de comprido), e vendo a Mesa que os religiosos estavam a terminar a «grande obra do seu novo edificio para a parte da nossa capela», mandaram fazer uma planta para «por ella se fazer a nova obra segundo as regras da arte, e a capacidade do terreno o podia permitir». Apresentados alguns inconvenientes⁹⁴ em relação à construção, deliberaram renovar a tribuna e capela-mor «com aquele ornato, esplendor, e decencia, que he propria de hum lugar taõ Santo, e Sagrado», fazendo-se todos os trabalhos necessários e levantando-se um novo retábulo. Também no caso dos altares existentes no corpo da igreja necessitarem deveriam ser renovados. Por fim, recomendava-se à Mesa, que tudo deveria ser feito «segundo as regras da Arte».

As obras que temos acompanhado na capela seiscentista da Venerável Ordem Terceira de São Francisco e as que urgia fazer, principalmente depois de ter aluído a capela-mor e a sacristia em 19 de Janeiro de 1792⁹⁵, levariam à opção de se edificar uma nova capela o que aconteceria a partir de 1794⁹⁶.

⁹³ A.V.O.T.S.F., Mesa 852, fl. 164v.-166.

⁹⁴ «Primeiro: o de ser nessessario consumir se na mesma nova obra não menos, do que mais da quantia de dezasseis contos de reis, o que por factos de hua deciziva experiencia se conhecia não poder-se gastar sem mais damno dos irmaons pobres, a cujo soccorro se devia aplicar antes o zelo da nossa Ordem, e muito principalmente atendendo se, que a devosaõ dos fieis tem esfriado tanto para com ela, que há quazi o espaço de vinte annos senaõ tem recebido esmola algua pela administraçam dela, e das mais, que tem; e segundo: o de haver a certeza, de que não se permitia, que a nova obra, que se pertendia fazer tivese toda a elavasam, que de prezente tem o corpo principal da nossa capela, termos em que se podia reduzir se a perfeiçãõ, que lhe era devida segundo a arte. Terseiro: o de não peder-se fazer obra perfeita não se dispensando maior elavasam no acresceto da mesma nova obra, do que a insignificante de palmo, e meio, athe dous palmos quando era preciso a de des palmos. Quarto: o de não se ter formado a planta do grande edeficio novo dos nossos Religiozos, por forma, que sem incomodo seu se podece fazer o pertendido acresceto da nossa capela por se lhe embarasar com ele o beneficio da communicaçãõ da maior lus e claridade para as principaes cellas, que para aquela parte ficavaõ».

⁹⁵ «Na manhaa deste dia appareceo a capella mor, e sacrestia da Ordem 3ª Franciscana aluída, de forma que cahirão os santos esbarrou o sacrario , amassando o Vazo Sagrado derremando-se por terra as sagradas particulas (a) e os ornamentos estragados: Succedeo a dita ruina /dizem/ as 9 horas da noite do dia 19 procedida de hum tal paredãõ que os franciscanos tinham por de traz da capella, que dizem estava embargado para o não continuarem, sobre o qual hiãõ lançando no terreno mistico, o entulho das obras, de forma que foi tal o pezo, que foi demolindo a terra, e cauzou o referido. / (a) Segundo dizem, que eu não vi». Biblioteca Pública Municipal do Porto (B. P.M.P.), Reservados, Ms. 62, fl. 188.

⁹⁶ MATTOS, R. Pinto de – *ob. cit.*, p. 12.

Além das informações dos documentos de arquivo, conhecemos essencialmente a chamada «Capela Primitiva da Venerável Ordem Terceira de São Francisco»⁹⁷, designada por Manuel Pereira de Novais por «Capilla nueva»⁹⁸: pela descrição que dela faz este último; pelo que nos transmite, em 1758, o pároco de São Nicolau, Silvestre da Costa Lima; pela referência de Agostinho Rebelo da Costa⁹⁹; e pelas três imagens que dela possuímos anteriores à sua demolição, que aparecem nas três vistas do Porto setecentista – a de 1736 (H. Doncalf, delin./H. Toms, sculp.), a de 1789 (Teodoro de Sousa Maldonado, delin./Manuel da Silva Godinho, sculp.), e a de 1791 (Manuel Marques de Aguilar, delin. e sculp.).

Manuel Pereira de Novais, cujo texto nos foi elucidando sobre a capela de Santa Isabel e a primeira grande capela dos terceiros, noticia que depois de lançada a primeira pedra da nova capela a obra fez-se com «zelo y promptitud», e se «acabò en breve tiempo no solo la fabrica de Dicha Iglesia y Capilla, sinò assi mesmo la Sacristia y Archivo y cassa del despacho al lado derecho de dicho templo, con que quedò perficionado y acabado com perfectissimo aseo, que es uno de los màs perfectos templos en la ciudad, com tanta curiosidad como se fuera Un brinco de Oro»¹⁰⁰. Na sequência desta descrição que corresponde aos finais do século XVII, temos o relato, de 26 de Abril de 1758¹⁰¹, enviado para Lisboa pelo pároco de São Nicolau. O padre Silvestre da Costa Lima, referindo-se ao Convento de São Francisco, escreve acerca do claustro o seguinte: «No claustro do dito convento se acha entre outras huma cappela naõ muito grande que servio antigamente a devoção dos Terceiros; porem no anno de 1670 junto ao mesmo convento da parte do poente fundáraõ huma de novo, magnifica, e com bello átrio; tem esta sinco altares; e toda está ricamente ornada, sem se poupar ali despeza; e para fazerem suas Mezas tem

⁹⁷ SMITH, Robert C. – A Capela Primitiva da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco no Porto, in *O Tripeiro*, VI série, ano V, nº 2. Porto: 1965, p. 36-40

⁹⁸ «Y della Salia (capela do claustro) la Procession de los Pazos, nuebamente sustituyda en el miércoles de Zeniza, aunque agora yà sale de la Capilla nueva fabricada para este Ministerio en el pavimento de la Portaria». NOVAIS, Manuel Pereira de – ob. cit, p. 64.

⁹⁹ *Descrição Topografica, e Historica da Cidade do Porto*. Porto: Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1789.

¹⁰⁰ NOVAIS, Mamuel Pereira de – ob. cit., p. 65.

¹⁰¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Dicionário Geográfico* vol. 30 (m. 231), fl. 1749.

humana magestosa Caza, com a capacidade de meter oito janellas rasgadas como tem». Finalmente, em finais do século XVIII, Agostinho Rebelo da Costa¹⁰², ao inventariar as principais capelas do Porto – «As Igrejas mais pequenas, que tem o nome de Capellas, paffaõ de oitenta» – limitou-se a informar-nos que tinha «Lausperenne em todas as quartas feiras do anno», valorizando a «belliffima Caza de Confistorio», o «fumptuozo Hospital»¹⁰³, o rendimento e despesa da Ordem, e o número de irmãos, que eram cerca de onze mil.

Com as imagens referidas podemos conhecer, ainda que imperfeitamente, um pouco da sua imagem exterior. A vista do Porto de 1736 (Fig. 1) apresenta-nos o lado poente do corpo e a fachada da capela, vendo-se ainda as estruturas que correspondiam à sacristia, casa do despacho e hospital. A capela-mor, de menor altura em relação à nave não está visível. A estrutura quadrangular da nave, ladeada por pilastras de canto rematadas por pináculos, é rasgada, no lado poente, por cima do telhado da sacristia, por uma janela. Na fachada vê-se uma portada, duas janelas e na empena, rematada por uma cruz¹⁰⁴, a mancha negra que se vê na imagem poderá ser interpretada como um óculo. Teodoro de Sousa Maldonado limitou-se a fornecer-nos uma imagem pouco precisa da fachada, onde aparecem apontados os mesmos elementos referidos (Fig. 2). Mais pormenorizada é a representação do frontispício (Fig. 3) que nos fornece, em 1791, Manuel Marques de Aguiar. Na fachada, rematada por uma empena onde se abre um óculo circular, rasgam-se três vãos (portada e duas janelas de ombreiras e lintel lisos). A portada, enquadrada lateralmente por grandes aletas, segundo modelos divulgados por gravuras da segunda metade do século XVI e do século XVII¹⁰⁵ e pelos tratados mais utilizados na época [Sebastiano Serlio, *Tutte l'opere d'architettura* (Livro IV,1537; Livro III, 1540; Livros I e II,1545; Livro V, 1547); Antonio Labacco, *Libro d'Antonio Labacco appartenente a L'architettura nel qual si figurano alcune notabili antiquita di Roma* (1552); Giacomo Barozzi da Vignola, *Regola delli cinque ordini d'architettura di M. Iacomo Barozzi da Vignola* (1562); Andrea Palladio, *I quattro libri dell'architettura* (1570); Vincenzo

¹⁰² *Ob. cit.*, p. 107-108.

¹⁰³ «aonde se tractaõ com exemplar Caridade, e decencia os Irmaõs enfermos; e independentemente defte huma grande enfermaria em que habitaõ continuamente vinte e seis Irmaõs entrevados».

¹⁰⁴ Outra cruz remata a empena correspondente à zona do arco cruzeiro.

¹⁰⁵ BERLINER, Rudolf – *Modelos Ornamentales de los siglos XV a XVIII*. Barcelona: Editorial Labor, s/d.

Scamozzi, *Dell'Idea dell'architettura di Vincenzo Scamozzi divisa in X Libri* (1615)], forma com o nicho que a sobrepuja e as armas da Venerável Ordem Terceira de São Francisco que coroa o nicho, um eixo que acentua a verticalidade do frontispício. No nicho, com o mesmo tipo de decoração lateral apontada na gravura de Aguilar, estava colocada a imagem de pedra da Rainha Santa Isabel (1689-1690), esculpida, como referimos, por Manuel de Almeida, residente na rua do Souto¹⁰⁶, um dos mais notáveis escultores portuenses.

A fachada da primeira grande capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, segue um esquema corrente na arquitectura religiosa da época, e que encontramos, com algumas variantes, a ser utilizado na cidade noutros exemplares contemporâneos: a igreja de S. Nicolau (1671-1676)¹⁰⁷, com alterações setecentistas; a igreja da Congregação do Oratório (1680-1703)¹⁰⁸; e a capela da Ordem Terceira de São Domingos (início da construção 1683)¹⁰⁹, também modificada no início do século XVIII.

¹⁰⁶ MAGALHÃES BASTOS, Artur de – ob. cit. p. 19-22.

¹⁰⁷ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Construção da igreja de São Nicolau (1671-1676), in *Poligrafia*, nº 1. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1992, p. 39-63.

¹⁰⁸ Idem – Elementos para a história da construção da casa e igreja da Congregação do Oratório do Porto (1680-1703), in *Revista da Faculdade de Letras*, II série-vol. X. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993, p. 379-406.

¹⁰⁹ Idem – Aspectos da actividade..., p. 17.